

e mais maré

suplemento do jornal **e maré viva**

13 de dezembro de 2023

50°

**TEATRO
POPULAR
DE ESPERANÇAS**



maré viva
JORNAL REGIONAL DE ESPINHO

pt-pt.facebook.com/mv.online
agenda.mareviva@gmail.com

uma nova maré



COMEÇOS DO TEATRO POPULAR EM ESPINHO

DOMINGOS DE OLIVEIRA

Escasseavam os livros, mais ainda o dinheiro para comprá-los, e só, graças a quem por acaso os tinha, era possível ir além por empréstimo. Chegadas os finais de sessenta as coisas melhoravam. Caíam cadeiras velhas, surgiam outras, frágeis. No Porto subia à cena o Teatro Experimental, António Pedro publicava um "Pequeno Tratado de Encenação". Não tardaria o FITEI.

Quem viria a ser o responsável pela criação de um grupo de teatro na Secção Cultural da Associação Académica entrara no Magistério por um lugar no ensino. Atraía-o o trabalho com as crianças nos rumos que se abriam às novas experiências. Acontece que o Curso pouco ensinava além daquilo que se aprendera na escola, quem passara por lá. Tinha porém o Curso uns descansos que deixavam descer a Rua da Alegria até S. Lázaro, onde podia dessedentar-se a sede de saber o que haveria novo em algumas práticas. Falava-se de Decroly, Freinet, Piaget, Wallon... Havia um Movimento de uma Escola Moderna. E foi assim que veio à mente a ideia de que o Teatro (em especial o de amadores) teria a haver com essa escola que não havia. E de pronto ocorreu que melhor que exercícios seriam jogos. E por esta razão pôs-se o grupo jogando contos e fábulas, e sequências de teatro, como a Alma, vicentina, que na alma se vê mulher ao espelho.

Ou a raposa que viu num poço delicioso queijo. E paulatinamente lá veio "Uma gota de Mel", os entremezes de Daniel da Costa, pendurados ainda em cordéis, até que se apressou o senhor Brecht com a sua "Excepção" e a respectiva "Regra". Eram ainda os começos. Nascia o gosto do antigo temperando o moderno, que o mesmo será dizer entrar pela História dentro.

Faltará dizer, dos jogos que se fazia, o que faziam eles. A dois, três anos do 25 de Abril, um extraordinário animador cultural que teve Espinho, António Gaio, entreabriu uma porta na Associação Académica a um entusiasta grupo de jovens que logo organizou uma Secção Cultural.

Chegados ao teatro os jovens, ao teatro de amadores, vinham apenas nesse sonho que o teatro tecia em quem dele gostava. Sentiriam também qualquer coisa viva sob uma terra morta. São precisos actores e alguém mais para algumas tarefas mais, imprescindíveis. Tratando-se de amadores, e todos eles jovens, há-de dar-se-lhes de pronto uma resposta justa, agradável, que lhes revele no teatro o mundo, a História, a vida... Virão também no vento de uma esperança, de uma aventura, de um vazio fervente de que ouviram falar. E então se começou de pronto representando, mais decerto jogando, qual os actores, sequências em contos, em fábulas, em gostosas passagens vicentinas, os diabos chaman-



Em 1976, quando o TPE integra a Cooperativa Nascente, Domingos de Oliveira cria os logotipos da Cooperativa e de cada uma das suas secções.

do à barca, o velho enamorado, esses que vão à feira com seus casos, ou essa alma dividida na encruzilhada de seu espelho, todo o mundo e ninguém a braços com o mundo, ou na "Romagem de Agravados" esse desventurado lavrador Morteira e seu filho Bastião...

O primeiro público do teatro foram os próprios jogadores-actores, vendo o jogo uns dos outros. Começou-se de pronto. Sem exercícios prévios sem o motivo forte de um desejo, com a ajuda do grupo que jogava as personagens (ou figuras) em acção, observava os jogos, comentava desempenhos, sugeria experiências, organizava e corrigia os guiões de jogo que adaptavam às experiências cénicas. O jogo misto (em parte dramatização, em parte jogo dramático) servia às experiências, podendo-se interrompe-los, alterá-los, repeti-los, actores e espectadores (aqueles que do grupo, no momento, não estariam jogando). E pertencia ao grupo o animador (nem instrutor, nem encenador, nem professor), alguém mais velho que se apagava para não estorvar quem aprendia, sem deixar de orientar, intervir, sugerir, sempre que necessário. Um jogador também, ajudando, aprendendo.

Será pouco provável que gostem que os sujeitem, esses jovens, a prévios exercícios para aprenderem a imitar sabe-se lá o quê, sabe-se lá que personagem e que papel. E depois há-de haver costureiras e carpinteiros, músicos e pintores, gentes a manobrar as luzes, gente para fazer as contas e tratar dos contactos, todos eles leitores, leitores críticos e intervenientes, com palavra assegurada, necessária. E como vão aprender, se não chegam aqui de uma qualquer escola das artes? Como exercitaremos as costureiras, que terão brevemente de remendar uns trapos que possam dar-nos a ideia dum imponente fraque de lobo, ou dum vestido ténue de pálida princesa? Tivéssemos nós já com a sua arte, mesmo sem diploma, Idalina

1980 - Auto da Barca do Inferno



Sousa. Por essa altura, tão nova ainda, soletrava o teatro. Melhor será que os exercícios preparatórios, prévios, não nos façam esperar por o que mais importa começar, o teatro, espelho nosso e do mundo.

A Psicologia do desenvolvimento, elucidando as actividades na evolução da criança, veio dar à Pedagogia uma nova visão das questões educativas, entre as quais a da transformação dos jogos de ficção, que vem da segunda infância, até ao dito "jogo dramático" já em esboço em finais do ensino primário, havendo que ter em conta a dramatização de pequenos textos, de breves relatos orais, de desenhos. O teatro, sentiamo-lo, não havia de ser mais uma vez a escola com a régua e o esquadro, nem haver nela um mestre mais do que cada aluno, companheiro mais velho (o mestre), ensinando, ajudando... Não havia de ser essa escola de coisas prontas a ser compradas como tralha nas lojas, com suas listas para o uso melhor no bom consumo, ou

esses exercícios nos manuais na ordem do programa... No Magistério valia só essa nota abrindo a porta a uma sala de aula, colocando na carreira o funcionário. Podia, o funcionário, aprender alguma coisa por sua conta e risco, nos tempos livres, em livros, sim, mas meio abandonados num ex-convento em S. Lázaro. À luz dos jogos de expressão livre da criança crescendo, não faziam sentido os degraus de uma escada para descer do céu. Para representar só podia aprender-se tal se aprendeu a falar, e mais tarde a escrever, e a ler, a escrever-ler, a desenhar, chegando de simples imitações da vida aos jogos de ficção, o teatro espreitando qual a serpente no Paraíso. E não levou muito tempo a vir alguém de fora ver "A Gota de Mel", "O Queijo no Poço" as duas farsas de Rodrigues da Costa, que se tornaram duas boas famílias, o carrinho sem roda do "Tio Hans, consertado do conto "O Amigo Fiel" de Óscar Wilde - cedo ainda essa regra de Brecht com a sua excepção. E todos já sentindo, gostosamente, que na excepção dessa Regra havia a escola que falta. E não fosse a experiência dar sua conta do que aqui se recorda, veio do grupo um novo animador, desaparecido o primeiro não se sabe em que barca de Mestre Gil, dar sua arte às novas exigências, como provou António Paiva em notáveis trabalhos com autores como Vicente, Brecht, Synge, Gogol, Tchekov, Lorca, entre vários outros, levando o TPE até hoje, através-

sando tempos pouco propícios à cultura que não seja a do divertimento medíocre. Pois isso aconteceu, como a provar aos descrentes, se os houve, que o método dos exercícios (dos exercícios prévios) vale o que vale.

Liublinskaia (traduzida por cá em 73) diz que o objectivo do jogo da criança na segunda infância está no centro do seu desenvolvimento em geral. Diz ela que o jogo é uma forma de adquirir conhecimentos; que é uma actividade pensante; que o jogo das crianças é uma forma específica de análise do fenómeno percebido, seguido da sua síntese; que o jogo é uma forma de actividade dinâmica; que expressa na análise da realidade, seguida a cada passo da sua representação mais verídica, coerente e generalizada; que a acção e a linguagem são os processos fundamentais para resolver problemas que o jogo põe; que é através da acção, da linguagem e dos sentimentos que a criança reflecte a realidade; que com o seu desenvolvimento se modificam as relações entre os processos principais do conhecimento, o seu lugar e papel no jogo; que o jogo é uma actividade que reflecte a realidade mediante a sua transformação activa; que a alegria do jogo tem origem na actividade que cria e transforma; que uma das particularidades consiste na combinação singular da ficção com essa alienação [simbolização] da realidade que as crianças reflectem ao brincar. Todas estas características que a autora atribui ao jogo, aos jogos de ficção, são destacadas no seu texto e objecto de explicitação. Cada um destes aspectos é tratado a partir da prática pedagógica de vários educadores seguidos pela autora. Dado que estas aquisições da criança se vão associando em formas mais evoluídas de jogo nas idades que seguem, culminando na dramatização e no jogo dramático, a partir da adolescência, torna-se fácil vislumbrar o quanto podem valer na formação de um grupo de teatro uns jovens amadores. Porque o jogo se torna em mais uma linguagem, como o desenho, intimamente associada à linguagem verbal oral, escrita. Ainda que o poeta jogue na escrita o drama, joga o drama no palco como quem vendo encena. Que o poeta, o que joga, é ainda a criança experimentando a vida questionando o mundo. Depressa se chegou a determinados

jogos que nos pareciam pequenas peças, como aconteceu com o “Queijo no Poço” (em 75). Mas já em 74 se apresentou a público uma representação, a primeira, de “A Gota de Mel”, de Chancerelle, e a farsa de Daniel Rodrigues da Costa, “O Filho Cavaleiro”, e já neste ano “As Boas Famílias” se apresentavam no Festival de Teatro de Amadores em Montemor-o-Velho (dois anos após o início das actividades). Em 76 subia à cena, no Teatro S. Pedro, a “Excepção e a Regra” de Brecht, onde, se não estou em erro, pela primeira vez terá subido ao palco um actor que veio a ser António Capelo.

Importante no método era a reflexão no trabalho em grupo, em quanto se experimentava, e de algo se dava conta, e se debatia. Tropeçava-se a cada passo na trama da Cultura que arremedava coisas para gozo dos Reis, trabalhos para a soldada da servidão, e ascendiam do fundo dessa Grécia de Esopo que amealhava fábulas lá dos confins da Índia, dos “Calila e Dimna” – Calila que era o homem comum na vida, o mais frágil, sendo Dimna o poderoso senhor, aquele esfomeado de hoje com os milhões. Que lobo é esse de dentes afiados vendo em baixo o cordeiro lhe turvando a água? E o cordeiro, que nos tem logo ali, a seu lado? Cada situação, cada figura que no jogo se joga, joga em nós umas quantas questões sem as quais o jogo se nos perde. O teatro, em verdade, lavra em nós seu campo de saberes, de sabores, de sentidos, de palmas, de alegrias. E isso deixa ver essa escola que falta.

Pois foi assim, mais ou menos assim, que um grupo de teatro, de jovens amadores que o eram, começou. Talvez me tenha excedido um pouco por alguma memória de luminosa névoa que esmaecendo arde. Me compreenda o leitor. Que passou meio século. Que se algo ficou aquém do que agora se diz, o que se diz se passou.

Domingos de Oliveira nasceu em Silvalde, Espinho, em 1936. Depois de algumas atividades profissionais, formou-se na Escola do Magistério do Porto, onde veio a ser professor de Movimento e Drama. Fez parte da Unidade Infância do Centro Cultural de Infância. Cooperou largo tempo no teatro de amadores e, em 1973 é responsável pela criação do coletivo Teatro Popular de Espinho. Poeta e artista pluridisciplinar é autor de diversos textos dramáticos e canções para espectáculos do TPE.



Desenhos de Domingos de Oliveira para os figurinos de “Retábulo das Maravilhas”, Cervantes, apresentado nas aldeias de Montalegre, em 1976.

NÓS POR CÁ...!

ANTÓNIO PAIVA

Tudo começou antes de eu lá estar, havia um poeta pedagogo, alguns ativistas, um grupo de jovens entusiastas, outros curiosos ou interessados, um ou dois diretores colaboradores e ainda uma secção irmã adepta do xadrez, funcionava na sala ao fundo, era a sede da Académica. Havia livros, colóquios, cinema em super oito, um banco corrido de almofadas e, no salão da entrada, aulas de ballet, ping-pong e também ensaios. Foi aí o início desta aventura...

Tudo continuava já perto do mar: eu entrava pela onda, dois senhores magrinhos, um desenhava versos, o outro polemizava, saltavam de assunto em assunto, e eu ouvia; também havia outro café, com nome de Avenida, que passou a ser o primeiro, o cafezinho trazido por um coelho ou por um jovem com nome de rei formoso e ainda um outro que reagia às juvenis provocações, "ó menino, ó menino", afastando-se com graça...

Um dia fomos confrontados com uma exigência: para fazer teatro a sério tem de haver cinco ensaios por semana; "eu não posso, é demais", "nem pensar", "tem de ser". Valeu a teimosia do mestre, criaram-se dois grupos: um fez o roteiro das salas e coletividades, com a tropa entusiasta a esclarecer o que era a democracia e o povo alegre a rir dos mandachucas; o outro grupo, não o esqueçamos, deu a provar como pequenas histórias, máscaras e canções podem ser a livre escola da aprendizagem...

Um fli-flac atrás e vimo-nos na rua: e agora, para onde ir? Pegamos na vontade de continuar e acampamos na casa da cultura; sim, já houve uma casa da cultura nesta terra de espinhos, e foi lá que continuamos, paredes meias com um espantalho, debaixo duns chapéus gigantes, com um pobre erudito, que à escola industrial se apresentou. Começamos por deitar uma parede abaixo - coitado de quem vivia no primeiro andar, apanhou um susto de fugir...

Andamos uns anitos de sala em sala: piscina salão, piscina traseiras, padaria da 62 - obrigado senhor Gaio. Muitos espectáculos, festivais, montagens - "vamos ali jantar", "o público espera", "não, é para começar" -, palmas, palmas; desmontar tudo, entrar na carrinha, descarregar, guardar, levar alguém a casa...

E que dizer dos espectáculos com o coro, sempre a correr, mas sempre tudo bem feito.

1996 - Almada, etc & TUDO-7/Sempre Fixe, A Praça, Jorge Santos



O público gostava - olé se gostava. Era na rua, era em sala, ao bairro e no rio dito Largo, até no salão paroquial, gente às portas e na varanda - "ai que lindo" - fogo e animação. "Coitadito do galo - mas é merecido - ouve lá o testamento, portaste-te bem, a verdade é que não".

Até que, finalmente, uma sala de futuro, ainda de cimento e tanto frio, como os que lá ensaiavam sabem, mas também o público - "ai, Jesus, não se aguenta, ao menos para as pernas um cobertor" - ali se fez a barca e o inferno, vinham estudantes aquecer a sala, assim é que é aprender, o quixote e a sanchica, o Manuel da laranjeira, e até fomos ao palácio, que já foi hotel, com piano e canções, o pitadas e o pinguinhas...

Passado algum tempo conseguimos uns estrados: podia-se construir uma plateia, ou até pequenos palcos, o público à mistura com os atores, cenografias quase profissionais, exigência estética nos figurinos, até ciclos de teatro - "uff, isso é que foi" - ah, e não esquecer o moderno, ali à esquina, a Eva e o Adão, porrada à sério no mocho e nos ladrões do paraíso...

Acabaram-se as saídas, apostamos na casa e na cidade, o cine teatro vendeu-se à religião mas, pode-se ir à Junta, o "Tucátulá" esperanos, valente animadora - "não há luzes, mas os camarins são um espectáculo" - o público no palco e os atores na plateia, e ainda temos a praia - "vamos a banhos, senhoras" - uma foto à la minuta e um pic-nic nas ondas...

E nasce uma nova ideia: espectáculos em parceria, Academia de Música, Auditório, cantores, bailarinas, técnicos profissionais, coreógrafas - "antes fomos à Nave, com um maestro a contar a história da capuchinho, quase levantamos voo, uma menina pelo menos lá foi subir aos céus".

Veio um convite, entramos no Multimeios a animar o serão - "agora somos republicanos, há muito que fazer", "todos ao largo", "discursos é o que mais há, vamos ouvir, vamos ouvir, lá em cima na varanda", "o quê, tomaram a Câmara?", "não, não, está ali a vereadora, é teatro, é teatro"...

Chegou a Covid, parou a jangada no mediterrâneo, a menina jornalista a contar a tragédia, o público ia sentir o desespero, colaborar na salvação mas, não há fim para a tragédia,

1996 - Almada - Fotografia Jorge Santos



2013 - A Rua de Trás - Fotografia Edgar



ela aumenta nas ilhas e no deserto, e nós por cá continuamos, uns otimistas, outros lamurientos ...

E agora fazemos cinquenta anos, temos de comemorar - champanhe não há, mas espectáculos sim - "Contarilhos" para todos, bela experiência; e começa outro, história dos povos, vozes de coro, dá que pensar, e logo vem mais um, canções em cena, que sinceras risadas...

Atenção, ainda falta um - "qual, mais? Não é possível!", "é sim" - temos jovens, temos músicos, os velhos atores aguentam. Vamos a isso! Cinquenta anos faz a cidade, então sim. Quem escreve? Não sei, alguém o fará. Quando é? Está para ser. Onde? Como se chama? Diz que é na Avenida e tem jovens a dançar ...

E pró ano, não vamos ter sala - "será verdade?" - vocês ficam parados. Tantos lugares onde já estiveram. Pois, é preciso outro abril, um novo! Muita gente, menos carros, menos roupa, menos - espera lá, agora é menos, também é mais - mais empenho, mais compromisso, mais solidariedade. Começamos amanhã? Não, é hoje! Tem de ser já hoje. De que estamos à espera?... Vamos!

2008 - Café Chinez



2014 - No Dia Seguinte - Fotografia Edgar Tavares



2013 - A Rua de Trás - Fotografia Edgar Tavares



António Paiva nasceu em 1954, em Espinho. Professor de educação física e de expressão dramática. Curso de Atores/Animadores no Centro Cultural de Évora/Teatro Garcia de Resende em 1975. Pós-graduação em Animação Cultural e Educação de adultos na Escola Superior de Educação/Instituto Politécnico do Porto. Licenciatura em Teatro pela Escola Superior Artística do Porto. Integra o TPE em 1973, como ator e encenador da maioria dos espetáculos.

...DOS MEUS PRIMEIROS PASSOS

RUMO À LIBERDADE

ANTÓNIO CAPELO

(ao meu querido
Domingos Oliveira)

Dos idos tempos do “verão quente”, para além da azáfama da rua, também tínhamos momentos de pequenos/grandes encontros, de pequenas/estruturais reflexões e, acima de tudo, tempo para partilhar com os outros, viver com os outros, aprender com os outros. Os meus primeiros passos na arte, no teatro mais propriamente, foram dados aqui, na secção cultural da Académica de Espinho, no Teatro Popular de Espinho. Mais tarde, pouco mais tarde, por vicissitudes das lutas que entendíamos importantes e necessárias, haveríamos de criar a Nascente, Cooperativa Cultural que persiste no seu trabalho até hoje. Da minha passagem pelas lides teatrais, pelas tábuas do palco, recordo dessa altura dois singulares momentos que mantenho na memória até hoje; um primeiro que se constituiu como marco singular de uma ideia de teatro: a apresentação de “O Retábulo das Maravilhas” de Cervantes em aldeias do concelho de Montalegre, para onde viajámos, acampando, e partilhando com as populações o espetáculo que sempre se apresentava ao ar livre, nas noites quentes do Verão, nas férias de todos nós. Aqui se cruzavam jovens estudantes/trabalhadores, profissionais de teatro e gente dedicada à música... esta experiência foi, estou certo disso, uma pedra basilar na nossa formação como seres humanos de pleno direito. E um segundo que tem a ver com a montagem que fizemos à época do texto “A Exceção e a Regra” de Bertolt Brecht (autor muito representado a seguir à nossa revolução de Abril). O texto, um dos mais marcantes textos didáticos do autor, retratava a ligação e luta dum carregador e do seu patrão. Eu era o guia daquela expedição onde se confrontavam o comerciante (explorador) e o carregador (explorado). A determinada altura o carregador, vítima da agressão do patrão, fica com um braço partido. De braço ao peito, a personagem é obrigada a montar uma tenda, para acamparem durante a noite. O sistema que se engendrou à época era relativamente simples: uns camarões fechados presos aos soalhos do palco e uns abertos nas pontas do tecido que se prendiam muito facilmente. O ator que desempenhava o papel do carregador (de braço ao peito) era o meu querido amigo Fernando Valadas. Frequentemente se enervava na cena da montagem da tenda, por ter de a fazer apenas com o braço disponível. Mas também, frequentemente, o Valadas se desinteressava da ideia de ser a personagem, tirava o braço do trapo que lhe servia de suporte, montava a tenda com ambos os braços e, finda a tarefa, recolocava o braço no suporte e retomava tudo, como se nada fosse. Guardo este pequeno episódio até hoje porque, creio ter aprendido aí que o ator não necessita sofrer as dores e as agruras das suas personagens, só necessita mostrá-las... que era o que o Valadas tão acertadamente fazia... o ator não tem de SER a personagem. Só necessita mostrar ao espectador a opinião que tem dela. Destas e doutras pequenas estórias se foi fazendo a minha vida, na convicção de ter sido nas tábuas do palco que aprendi melhor o sentido pleno da liberdade e o enorme prazer da sua partilha...



1976 - O Retábulo das Maravilhas, de Cervantes. Montalegre



1976 - A Exceção e a Regra

António Capelo, 67 anos, ator profissional desde 1977. Frequentou o curso de Filosofia da Universidade de Letras do Porto. Como ator, divide o seu trabalho pelo teatro, cinema e televisão. É ainda encenador, tradutor e músico de variados espetáculos. Estreou-se, como ator, no Teatro Popular de Espinho. Foi Diretor Artístico do Teatro Universitário do Porto durante dez anos. Foi Diretor Artístico do TEAR, companhia profissional de teatro, sendo actualmente Diretor Artístico da Academia Contemporânea do Espectáculo, escola profissional de teatro. É ainda Diretor Artístico do Teatro do Bolhão, companhia profissional de teatro, tendo dirigido, entre outras, a produção de Ponte de Sonhos, o espetáculo mais representativo (nas sondagens de então) da Porto 2001/Capital Europeia da Cultura. Tem trabalhado na área da formação com escolas portuguesas e estrangeiras, sendo de destacar: Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo do Porto, Arden Scholl of Manchester, École Internationale Jacques LeCoq, Paris, École du Passage, Paris, Rose Brufford College, Londres. Foi mais de uma vez nomeado para prémios de interpretação, tendo ganho em 1983 o prémio da crítica para o melhor ator de teatro, assim como prémio de melhor encenador de teatro de amadores em 1989. Foi consultor para a Sociedade Porto 2001 na área das Artes de Palco.

MEMÓRIA EXATA

RITA PAUPÉRIO

Um segundo particular na longa história do TPE

Sempre que em conversa recorro o Teatro Popular de Espinho e a magia desse núcleo criativo e, mesmo já tendo partilhado alguns episódios e estórias do seu percurso, volto sempre a um momento particular no Auditório de Espinho - Academia. Já lá vão uns bons anos e ainda que seja apenas um minuto perdido no longo percurso do TPE, esta é a minha memória.

Estamos em 2008 - ano pessoalmente marcante, talvez daí a exatidão - e, na sala, está em marcha o ensaio geral do espetáculo multidisciplinar "Café Chinez", cuja estreia será na noite seguinte. Sentado no centro da plateia vislumbro o António Paiva, sereno, silencioso e observador atento. Talvez seja o único elemento de aparente quietude na confusão instalada àquela hora, naquela noite. No palco, nos camarins, nos corredores e, por ali, em qualquer espaço livre, reinam a bagunça e o barulho. Uma vez que em cena estarão vários artistas, cada um com a sua arte, naquele momento o caos está instalado. Os atores praticam textos em voz alta, os bailarinos aquecem e marcam as frases das coreografias, os músicos ensaiam os trechos das canções escolhidas. O cenário termina de ser montado e todos querem pôr em prática o que até então tinha sido testado em espaço imaginado. Coisa maravilhosa essa, não é?! Idealizar por partes, treinar pedaços e, no fim, acreditar na visão transversal de quem já viu a história toda.

Da minha perspectiva, ainda que um tanto influenciada por uns meses cinzentos, esse momento, carregado de expectativa e borboletas no estômago, resume e concentra a energia fantástica de um projeto feito de, e por, pessoas cheias de ideias, talento e vontade. No ar há uma vibração quase palpável, dessas

2016 - O grito do mar - Fotografia Edgar Tavares



que antecipam as grandes horas, boas ou más, felizes ou trágicas, mas inesquecíveis sempre.

Ao lado do Paiva está a Lina, companheira de sempre destas lides, muito menos silenciosa e mais interventiva. Sentada na plateia, lá atrás, eu não consigo deixar de sorrir.

Muitos rostos, corpos e artes passaram pelo grupo, cada um com o seu contributo engenhoso. Obrigada por esta memória específica e por tantas outras horas criativas,

pautadas por uma disponibilidade gigante e uma vontade enorme de imaginar e sentir. Venham mais!

Rita Paupério é designer de comunicação e artista visual, nascida e criada em Espinho. Ao longo do seu percurso artístico e profissional manteve uma próxima relação com o TPE, colaborando com o desenvolvimento da imagem gráfica de uma série de projetos do coletivo.

TPE, UM LUGAR DE ENSAIOS

IDALINA SOUSA

Entrei para o TPE em 1977, antes mesmo de este pertencer à Cooperativa Nascente. Encontrei um grupo de pessoas incríveis, a maioria das quais bem mais informadas e cultas do que eu, com uma enorme disponibilidade para trabalhar e, sobretudo, cheias de vontade de participar na vida social e cultural da cidade, convictos de que assim se contribuía para uma sociedade mais justa e solidária.

Os meus pais sempre me apoiaram porque também eles estavam certos de que o mundo só podia ficar melhor e que o contributo de cada um de nós, para essa mudança, era essencial. Gostavam de me ver feliz, viam-me crescer e tinham a certeza que, mesmo quando eu ficava na conversa depois dos ensaios e chegava a casa às 2 da manhã, estava entre amigos e em segurança.

Digo muitas vezes que o TPE foi, é, a minha Bauhaus porque foi sempre o meu lugar de ensaios e de aprendizagem criativa nas mais diversas áreas artísticas e me permitiu o contacto com imensos materiais, aprender e descobrir novas técnicas e partilhar tudo isso no coletivo e com os públicos.

Durante todos estes anos o TPE esteve presente em todos os espaços culturais da cidade, calcorreou ruas e largos, lançou quadras às janelas e participou em diversas iniciativas organizadas pela Câmara Municipal de Espinho. Corremos agora o risco de perder o Auditório da Nascente. E se o meu coração fica, por isso, pequenino, mesmo pequenino, mantenho a esperança de que o TPE aqui possa continuar ou que se encontre um novo espaço que permita todo este trabalho ímpar, em que participaram muitos e muitos espinhenses e que durante 50 anos ofereceu tanto à cidade.

2009 - O sorriso do gato



Sei que ainda hoje existem pais a quem custa crer que o teatro é, acima de tudo, um lugar de aprendizagem criativa no sentido mais amplo das palavras e pensam que é uma espécie de desperdício, uma perda de tempo. Num mundo onde a criatividade assume um papel completamente insuspeitado até algumas décadas atrás e passa a ser um requisito essencial à grande maioria das profissões, talvez se deva refletir melhor sobre a participação dos nossos filhos e netos num grupo de teatro ou em qualquer outro coletivo artístico. Para reforçar esta ideia convoco Nelson Goodman que, no seu livro "Modos de fazer mundos" estabelece,

de forma brilhante, um paralelo entre o mundo artístico e o mundo científico, fazendo-nos perceber que os processos mentais que permitem a construção de uma obra de arte ou uma descoberta científica são muito semelhantes. Na tentativa de ser ainda mais convincente, cito Einstein: "A lógica leva-te de A a Z, a criatividade leva-te a qualquer parte"; "A criatividade é a inteligência a divertir-se".

E sim, num grupo de teatro trabalhamos e divertimo-nos muito, às vezes estamos de acordo, outras vezes não, não temos grandes certezas e achamos muito bem que assim seja. O que todos sabemos é que o aconchego de um abraço vale bem mais do que milhares de likes.

E tudo isto faz parte de nós e, às vezes, como num sonho, comanda a nossa vida. As centenas e centenas de livros que li para colher informações, para aprender sobre autores, sobre épocas, sobre modos de vida e de vestir. As viagens que fizemos muitas das quais para ver teatro. Percorremos, eu e o Paiva de alforças às costas, a rota da Mancha "atrás de Quixote"; caminhamos sob os carvalhos mágicos de Broceliande, na Dinamarca passeamos nas muralhas do castelo de Hamlet até ao anoitecer, ficamos tristes em Verona ao ver o abandono do lugar que diziam ser o túmulo de Julieta.

Não, não se abandona assim o teatro.



2003 - O Mundo às Avessas - Estudos para figurinos



2009 - O sorriso do gato

2017 - O diabo às costas

2023 - As amarguras do mel



2018 - A Paz - Fotografia Edgar Tavares



2018 - A Paz - Fotografia Filipe Couto

2018 - A Paz

Para ser figurinista e aderecista do T.P.E. tenho que, obrigatoriamente, obedecer a duas premissas:

1ª - Gastar o mínimo dinheiro possível.

2ª - Não ser realista. Porque não gosto, nem quero e porque a 1ª não deixa.

A isto junta-se a pergunta legítima e compreensível ao fim de quarenta anos - Mas o que é que eu vou fazer desta vez???????

Normalmente faço pesquisas e reúno informações, mas, neste caso, presunçosa, não senti necessidade de o fazer. Sei que chegue da civilização grega. Do pensamento livre, do amor pela filosofia, pelas ciências, pelas artes e pelo desporto. Sei também que os poderosos não precisavam de ser representantes de um deus, nem filhos de rei ou imperador. E nunca, nunca me esqueço que se uns poucos viviam muito bem e eram livres era porque a maioria era deles escrava. Sei alguma coisa da mitologia e sei de Safo, da sua condenação ao exílio.

Voltando aos figurinos.

Acontece que ando dias e dias em que, para tudo o que olhe, parece que apenas vejo pedaços de cenografia ou oportunidades de adereços e figurinos.

Por exemplo, neste espetáculo, as obrigatórias máscaras foram construídas a partir de máscaras neutras, que custaram uns 2€ cada e foram depois trabalhadas com cola quente, que lhes deu a textura, recortadas e pintadas com spray. As outras, da comédia, a partir de pedacitos de esponja.

A "espetacular" gola de Ares são dois velhos e esquecidos gorros, unidos com alfinetes de dama. A coroa de Atena foi construída com galhos secos de kiwis e folhas de loureiro artificiais, pintadas com spray dourado.

Num espetáculo anterior tínhamos utilizado fatos macaco que me pareceram perfeitos para os escravos. Foi apenas sujá-los com barro, que não podia deixar de ser castanho. Quem conhece o texto sabe bem porquê. Quem não sabe também conhece bem, todos conhecemos, aquela coisa castanha para onde escravos e trabalhadores mandam, e devem mandar, todos aqueles que os exploram.

Idalina Sousa integra o Teatro Popular de Espinho em 1977. Participa como atriz em três espetáculos e, pontualmente, em Janeiras e outros espetáculos realizados em colaboração com o Coro Popular de Espinho. Desde então vem mantendo atividade regular no T.P.E como figurinista e aderecista.

O TEATRO FAZ 50 ANOS...!

LAURA GAIO

A data de fundação do grupo do qual nasceu a Secção de Teatro da Cooperativa NASCENTE (a partir de finais do 2º trimestre de 1976) e integrado numa Secção Cultural da A.A.E. situa-se em Fevereiro do 1972 sendo os seus fundadores Domingos de Oliveira e Augusto Marinho Mota que contactando diversos jovens a esta deram origem.

Convívio do grupo de jovens da Paróquia



Corria o ano de 1971.

A paróquia de Espinho contava há já dois anos com a presença do Sr. Padre Manuel Henriques cuja ação pastoral, entre outras, se destacara pelo empenho e preocupação pelos jovens.

A criação dum grupo de jovens e dar-lhes a possibilidade dum são convívio e realização de atividades desabrochou assim e por seu convite entre alguns elementos ligados à catequese e aos escuteiros que, por sua vez, falaram a companheiros de liceu, a amigos e a outros mais que vieram.

Com 15 anitos e levada por meu irmão - o Gaio - entrei para o "Grupo" e assim encontrei os irmãos Paulino, a Manó e os irmãos Zé Luís e Jorge, o Eduardo Gonzaga, o Adriano Montenegro, a Estefânia, a Isabel Oliveira, a Manuela Freitas, a Fátima Marques, a Lina... e ainda o Campinhos, o Cruz, o Reis, o Fausto, o Zito, o Quim Nando, a Rosário Curral, a Rosa Maria, o Fernando, o "Camisinhas", o Álvaro e as irmãs Eugénia, Margarida e Anita, a Rosário Gonzaga, o Zé António, o Quintas, o Diniz, o Jorge Fraga, a Bela e a Tila e já mais tarde o Quim Fidalgo recentemente saído do Seminário. Dos bancos do liceu á quase entrada na faculdade variavam nossas idades.

Na casa do Violas, ali mesmo à 23, assim chamada e emprestada à paróquia (o Salão Paroquial ainda não tinha sido construído), o Sr. Padre Manuel, o "nosso padre Manel", arranhou-nos uma sala que a gosto e pouco custo - caixotes pintados a zarcão e uns almofadões - passou a ser o nosso local de encontro.

Inebriados pelo entusiasmo de viver e partilhar, vimos passar um ano pleno de iniciativas e cujo Verão, porque a memória me espicaça, terá sido um dos melhores de nossas

vidas. Os dias na praia e a hora do banho, a piscina, os piqueniques, os passeios ao pinhal, as festas, os bailes...à noite, a Avenida e o inesquecível "trás prá frente" da 23 á estação. No Inverno, as conversas e debates, os jogos e os campeonatos de xadrez (era quem mais ensaiava mates-famosos para levar a melhor!). Junto à lareira, na casa paroquial e com a serena, doce e sábia companhia do Sr. Padre Manel, passámos alguns serões. Também e por sua mão usufruímos da estadia na Quinta das Meladas, em Mozelos.

Participar e intervir socialmente - fizemos um pequeno inquérito à população - organizar o Grupo e promover atividades culturais foi nossa prioridade e objetivo. Elegemos uma Direção, um tesoureiro, criámos Estatutos e registámos em ata nossas reuniões. Das atividades mais votadas sobressaiam o teatro, a música, o jornalismo e a dança. A formação duma biblioteca e a criação dum jornal de parede do Grupo foram igualmente um propósito. A participação no jornal RUMOS, jornal da paróquia, contou com a colaboração de alguns de nós.

E fizemos alguns espetáculos. Para os pais e familiares e também nas instalações do Patronato. A convite do Padre Bote atuámos em Nogueira da Regedoura. Uma pequenina peça, um momento musical com vozes e viola e uma dança coreografada por nós ao som do tema da "Missão Impossível".

Batemos em algumas portas a cantar as "Janeiras".

Certa noite e regressados duma pacata volta à esplanada, fomos interpelados e "convidados" pela PSP a ir prestar declarações à esquadra sobre o que andávamos a fazer. E que ufanos ficámos! Inocente fantasia sobre a luta na clandestinidade... Teremos sido, com

certeza, motivo de inquieta suspeição para alguma gentalha cá da terra.

Amores aconteceram e alguns perderam até hoje. Alguns de nós já partiram.

Tantas e boas memórias de tantos e bons momentos foi troca saborosa e animada com a Manó e o Eduardo na ajuda que me deram para escrever estas pouquitas linhas sobre o "Grupo".

A Secção Cultural da AAE começava então a promover algumas iniciativas...

A realização de dois colóquios na sua sede por cima do "Nosso Café", um com o escritor Papiniano Carlos e outro com o jornalista e crítico da RTP, Mário Castrim. Muito em segredo correu o "zumzum" de que entre os presentes estariam uns "conhecidos bufos"...

Fomos até ao Porto assistir à peça "A Casa de Bernarda Alba" levada à cena pelo Teatro Experimental do Porto. Seguramente movidos pela influência de meu pai, começámos a ensaiar e sob a orientação de Domingos de Oliveira a peça, por ele adaptada, "A paz" de Aristóфанes. A Estefânia, o Adriano, o Eduardo, o meu irmão e eu.

No registo de personagens, junto ao texto que ainda conservo e guardo, aparecem mais dois nomes, o Santos e o França.

... O teatro estava a nascer!

A ligação de Laura Gaio ao teatro remonta a 1972. Participou em diversas espetáculos, já no TPE: "As Boas Famílias", "O Retábulo das Maravilhas", "as Espingardas da mãe Carrar", "Egano de Galluzi", "O Tribunal do Mocho" e alguns autos pastorais no âmbito das Janeiras do C.P.E. Laura Gaio considera o teatro uma arte completa, um amor Maior.

1978 - O rei com coroa de galo



COM AS CRIANÇAS

JOAQUIM FIDALGO

Era uma raposa e um lobo – e uma espécie de queijo no fundo de um poço. E a raposa mãeira a tentar comer o queijo. E, enganada, a tentar enganar o lobo enquanto se salvava. Uma história simples, pequenina, bem conhecida, mas de que a pequenada tanto gostou, numa série de escolas à roda de Espinho. Entrava teatro na (então tão cinzenta) sala de aula, uma gente nova vestia uma espécie de carapuços e ficava num instante raposa, e lobo, e até apareciam umas rãs grasnando ali pelo meio. E acabava tudo a cantar.

Era, depois, um velho, um rapaz e um burro. E o povo a criticar se ia o rapaz de burro e o velho a pé, e o povo a criticar se ia o velho de burro e o rapaz a pé, e o povo a criticar se isto e se aquilo. Outra história pequenina, simples, bem conhecida, mas com que a pequenada tanto se divertia, ali no meio da sala de escola, carteiras arrumadas a um canto, dois dedos de conversa com os atores, a Capitolina, o Joaquim, a Emília, o Adriano, a Palmira, a Bela, a Teresa, o pequeno Mota, e mais um pé de dança numa roda festiva. E acabava tudo a cantar.

Foi assim durante uns meses, tantas escolas se visitaram, tanto teatrinho se distribuiu por aí, simples mas bonito e bem feito, que desde o início era assim o TPE...

Joaquim Fidalgo fez parte do Teatro Popular de Espinho (TPE) logo nos seus inícios, mas foi, sobretudo, enquanto maestro do Coro Popular de Espinho que foi colaborando com ele em variadíssimos espetáculos, para grandes e pequenos. E nas Janeiras, claro. Nem de propósito, quase 50 anos depois do começo, reencontrou o teatro no recente projeto dos Contarilhos, sempre com alguma música pelo meio, como não podia deixar de ser. Jornalista e professor, a verdade é que nunca cala por muito tempo o acordeão, a viola ou a voz. Cantada.



2022 - Contarilhos

Os Contarilhos estrearam – e os meninos e meninas gostaram! Foi uma mão cheia de histórias, músicas, palavras, sons, silêncios e risos, memórias de inverno – e até um cheirinho de Natal...

Os meninos e meninas, e as mães, e os avós, e todos, gostaram tanto que até pediram para se fazer outra vez, pois há mais amigos e amigas que também querem ir ver.



CRONOLOGIA TPE 50 ANOS ESPETÁCULOS EM ESPINHO

1973

1973 - 1979

- 1973 | Exercícios dramáticos • Secção Cultural da A.A.E.
- 1974 | Algodão, Algodim • Salão Nobre da Piscina
- 1974 | A Gota de Mel, Léon Chancerel • Salão A.A.E., Lota de S. Pedro e Avenida 8
- 1974 | O Pássaro Mau • Salão Nobre da Piscina e Centro Recreativo e Cultural de Paramos
- 1974 | A Arte de Tourear, Daniel Rodrigues da Costa • Regimento de Engenharia, Paramos
- 1974 | Simplesmente Maria • Entrada do Cinema do Casino
- 1975 | As Boas Famílias, Daniel Rodrigues da Costa • Teatro S. Pedro
- 1975 | O Queijo no Poço e O Velho, o Rapaz e o Burro, Domingos Oliveira • Sede da A.A.E.
- 1976 | O Retábulo das Maravilhas, Cervantes • Aldeias de Montalegre
- 1976 | A Exceção e a Regra, Bertolt Brecht • Escola Gomes de Almeida
- 1977 | Um Dia Memorável para o Erudito Sr. Wu • Escola Gomes de Almeida
- 1977 | O Rei com Crista de Galo, Domingos Oliveira • Salão Nobre da Piscina
- 1977 | Janeiras, com Coro Popular de Espinho • Ruas da Cidade
- 1978 | Festa das Janeiras • Salão Nobre da Piscina
- 1978 | O Soldado Vigilante e Retábulo das Maravilhas • Salão Nobre da Piscina
- 1978 | Janeiras • Ruas da Cidade
- 1979 | Festa das Janeiras • Salão Nobre da Piscina
- 1979 | Sagui e as Estrelas, Domingos Oliveira • Escola da Marinha, Silvalde
- 1979 | Histórias da Música • Salão Nobre da Piscina
- 1979 | Festa das Janeiras • Salão Nobre da Piscina
- 1979 | Catarina, Domingos Oliveira • Salão Nobre da Piscina

Legenda:

- Ano | Espetáculos TPE
- Ano | Espetáculos da iniciativa ou realizados com Coro Popular de Espinho
- Ano | Colaborações exclusivas para iniciativas organizadas pelas Câmara Municipal de Espinho
- Ano | Espetáculos do TPE em que uma apresentação integrou iniciativas da Câmara Municipal de Espinho
- Ano | Espetáculos em parceria com Academia de Música e GAD - Giselle Academia de Dança
- Ano | Espetáculos em parceria com Escola Profissional de Música de Espinho /Academia de Música de Espinho



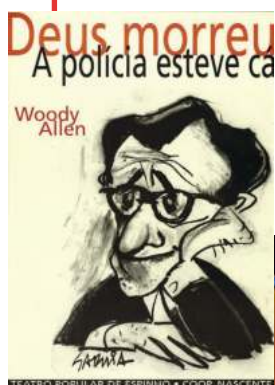
1980 - 1989

- 1980 | Janeiras/Queima do Madeiro • Rio Largo
- 1980 | Festa das Janeiras • Salão da Piscina
- 1980 | As Espingardas da Mãe Carrar, Bertolt Brecht • Salão Nobre da Piscina
- 1981 | Janeiras/Queima do Madeiro • Rio Largo
- 1981 | Egano de Galuzzi, Domingos Oliveira • Salão Nobre da Piscina
- 1981 | Janeiras - Auto da Natividade, Domingos Oliveira • Ruas da Cidade
- 1981 | Festa das Janeiras - Auto da Natividade • Salão da Piscina
- 1983 | Auto da Barca do Inferno, Gil Vicente • Auditório Nascente
- 1984 | Catarina, Domingos Oliveira • Salão Nobre da Piscina
- 1985 | Janeiras - Festa dos Rapazes • Ruas da Cidade
- 1986 | Festa das Janeiras • Salão da Piscina
- 1986 | A Vida de D. Quixote, Cervantes • Auditório Nascente
- 1987 | Às Feras, Manuel Laranjeira • Auditório Nascente
- 1987 | Carlos de Moraes, Homenagem • Café Palácio
- 1987 | 25 Abril, Homenagem a José Afonso • Salão Nobre da Piscina
- 1988 | Adeus, D. Quixote • Auditório Nascente
- 1988 | Queima da Velha Senhora • Rua 19 e Praia da Baía
- 1989 | Sonho de Mundo • Salão Paroquial e Escola Manuel Laranjeira



1990 - 1999

- 1990 | Queima da Velha Senhora • Rua 19 e Praia da Baía
- 1990 | Noites de Allen, Woody Allen • Auditório Nascente
- 1991 | Homenagem ao Maestro Fausto Neves • Salão Nobre do Casino de Espinho
- 1991 | Confidências, Woody Allen • Auditório Nascente
- 1992 | I Encontro de Janeireiros • Teatro S. Pedro
- 1992 | Noite Cultural, Manuel Laranjeira • Salão Nobre do Casino de Espinho
- 1993 | Janeiras, Auto da Estrela de Belém, Domingos Oliveira • Ruas da Cidade
- 1993 | II Encontro de Janeireiros • Teatro S. Pedro
- 1994 | III Encontro de Janeireiros • Teatro S. Pedro
- 1994 | Auto da Estrela de Belém • Auditório Nascente
- 1994 | Cor de Abril • Auditório Nascente e Cine Teatro S. Pedro
- 1994 | A Sombra da Ravina, Synge • Auditório Nascente
- 1994 | Janeiras, "Ano velho, Ano Novo", Domingos Oliveira • Ruas da Cidade



- 1995 | IV Encontro de Janeireiros • Teatro S. Pedro
- 1995 | "Ano velho, Ano Novo" Encontro de Janeireiros • Salão Paroquial
- 1995 | À Esquina do Moderno/À Luz do Luar • Café Moderno
- 1996 | V Encontro de Janeireiros • Teatro S. Pedro
- 1996 | Almada, etc & Tudo. Almada Negreiros • Auditório Nascente e Teatro S. Pedro
- 1996 | Estive quase morto no deserto Espectáculo com Art'Imagem • Rua 19
- 1997 | VI Encontro de Janeireiros • Teatro S. Pedro
- 1997 | Sophia, O rosto sobre a lua, Sophia de Mello Breyner • Auditório Nascente
- 1998 | VII Encontro de Janeireiros • Teatro S. Pedro
- 1998 | Deus Morreu, a Polícia Esteve Cá, Woody Allen • Auditório Nascente e Teatro S. Pedro
- 1995 | VIII Encontro de Janeireiros • Teatro S. Pedro
- 1999 | Sarau Cultural, Tribunal do Mocho, Carlos de Moraes • Teatro S. Pedro
- 1999 | Que vão os Meus Generais Fazer, Irwin Shaw • Auditório Nascente e Teatro S. Pedro
- 1999 | Vir a Banhos • Praia da Cidade
- 1999 | Festival "Teatramar" • Auditório Nascente, Escola n.º 3, Rua e Cine Teatro S. Pedro

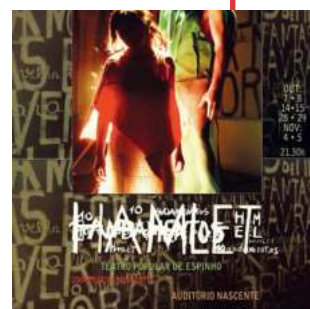
2000 - 2009

- 2000 | Conversa na fonte, Karl Valentin, Sarau Cultural • Cine Teatro S. Pedro
 2001 | De propósito para chegar fora de tempo, TUCÁTULÁ • Auditório Nascente
 2001 | O Largo, Almada Negreiros, Sarau Cultural • Cine Teatro S. Pedro
 2001 | Vir a Banhos • Praia da Cidade
 2001 | O Beijo no Asfalto, Nelson Rodrigues • Auditório Nascente
 2002 | A Casa de Bernarda Alba, Garcia Lorca • Auditório Nascente
 2002 | Um Ensaio no Circo, TUCÁTULÁ • Auditório Nascente
 2003 | Feliz Aniversário, Harold Pinter TUCÁTULÁ • Auditório Nascente
 2003 | O Capuchinho Vermelho, Orquestra EPME, FIME • Nave Polivalente
 2003 | Vir a Banhos • Praia da Cidade



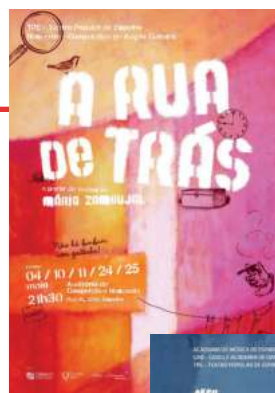
- 2003 | O Mundo às Avesas, Gil Vicente TUCÁTULÁ • Auditório Nascente
 2003 | Circunstâncias, Artes de rua • Largo da Câmara
 2005 | O Inspetor Geral, Gogol TUCÁTULÁ • Junta de Freguesia de Espinho
 2004 | O Sótão que tem muito que contar • Auditório Nascente
 2005 | Vir a Banhos • Praia da Cidade
 2005 | 10 Andamentos para Hamlet, Shakespeare • Auditório Nascente
 2005 | Vir a Banhos • Praia da Cidade
 2005 | Cocktail Azul, 30 anos TPE, TUCÁTULÁ • Auditório Nascente
 2006 | Cara de Fogo, Marius von Mayenburg TUCÁTULÁ • Auditório Nascente
 2006 | "A Arte da Guerra", Encontro de Estátuas • Largo José Salvador

- 2007 | Mãos à obra, Café-concerto • Auditório Nascente
 2006 | Mirai às Avesas, DE PAR EM PAR • Junta de Freguesia de Espinho
 2007 | Kurt Karl, Karl Valentin TUCÁTULÁ • Auditório Nascente
 2007 | Off-Cabaret, Academia de Música e MOVE'IN-MENTO • Auditório de Espinho
 2007 | Vir a Banhos • Praia da Cidade
 2008 | Café Chinês, Academia de Música e MOVE'IN-MENTO • Auditório de Espinho
 2009 | O Ouvido, TUCÁTULÁ • Junta de Freguesia de Espinho
 2009 | E Depois das obras, com textos de Abel Neves (Café-Concerto) • Auditório Nascente
 2009 | Vir a Banhos • Praia da Cidade
 2009 | O Sorriso do Gato, Academia de Música e MOVE'IN-MENTO • Auditório de Espinho



2010 - 2019

- 2010 | Toda a gente engana a morte, Woody Allen TUCÁTULÁ • Auditório Nascente
- 2010 | Serão Republicano • Centro Multimeios
- 2010 | Ao Largo Republicano/Comício Republicano • Largo e Edifício CME
- 2011 | A Lua em Chamas, Juan Rulfo TUCÁTULÁ • Auditório Nascente
- 2011 | [H]À noite no teatro, Café-concerto • Auditório Nascente
- 2011 | Vir a Banhos • Praia da Cidade
- 2011 | O Pugilista, Mário Zambujal, Sarau SCE • Centro Multimeios
- 2012 | Homenagem a António Gaio • Centro Multimeios
- 2012 | O Ginjal, Tchekov • Auditório Nascente
- 2013 | A Rua de Trás, Mário Zambujal • Auditório Nascente
- 2013 | Vir a Banhos • Praia da Cidade
- 2014 | No dia Seguinte, José Saramago • Auditório Nascente
- 2015 | Vir a Banhos • Praia da Cidade
- 2015 | Depoimento, Marmelo e Silva Associação Amigos • Biblioteca José Marmelo e Silva
- 2015 | Depoimento, Marmelo e Silva com testemunhos pessoais • Auditório Nascente
- 2016 | O Grito do Mar • Auditório de Espinho
- 2016 | O Cabo Elísio, Marmelo e Silva Associação Amigos • Biblioteca José Marmelo e Silva
- 2017 | O Diabo às Costas, Domingos Oliveira • Auditório Nascente
- 2017 | Vir a Banhos • Praia da Cidade
- 2018 | A Paz, Domingos Oliveira/Aristófares • Auditório Nascente
- 2018 | Vir a Banhos • Praia da Cidade
- 2019 | A Boda dos pequenos burgueses, Bertolt Brecht • Auditório Nascente
- 2019 | Vir a Banhos • Praia da Cidade



2020 - 2023

- 2022 | Os Impostores • Auditório de Espinho
- 2022 | Vir a Banhos • Praia da Cidade
- 2022 | Natal, Manuel António Pina e J. Fidalgo • Centro Multimeios
- 2022 | Contarilhos 1 (dezembro) • Auditório Nascente
- 2023 | Contarilhos 2 (fevereiro) • Auditório Nascente
- 2023 | Contarilhos 3 (março) • Auditório Nascente
- 2023 | As Amarguras do Mel, Domingos Oliveira • Auditório Nascente
- 2023 | Canções em Cena, Domingos Oliveira • Auditório Nascente e Junta de Freguesia de Espinho
- 2023 | 1973, António Paiva • Auditório de Espinho



"VAMOS CANTAR AS JANEIRAS?!"

CAROLINA LETRA

23 de dezembro de 1977. A principal rua de Espinho, ainda com circulação de trânsito automóvel, transbordou com a presença de um alargado grupo de jovens, muito jovens, que saiu à rua levando Janeiras como pretexto para ir ao encontro daqueles que não suspeitavam poder ser o seu público.

Canta-se rua abaixo, há pequenos concertos, adianta-se um carro de madeira com tocadores em cima e de onde se dizem poemas, vêem-se figuras tradicionais (o mandador, o gracioso, o simplório) e identifica-se a sátira em elementos simbólicos (o bacalhau com a subida dos preços, um carro com a árvore dos presentes). Quem anda na azáfama das compras de Natal faz um intervalo e, surpreso, ouvindo atentamente, cantando, rindo, aplaudindo, acompanha o grupo.

As Janeiras da Nascente foram-se espalhando pelas ruas de Espinho, cantando às casas e trazendo a Festa ao Rio Largo, ao Bairro dos Pescadores, a Anta.

No dia 7 de janeiro, na Festa Final no Salão Nobre da Piscina, que contou com várias centenas de pessoas, cada um levou farnel e lá encontrou a mesa e os espaços duma qualquer aldeia portuguesa onde não faltava o professor, o padre ou o bêbado e, claro, uma representação do presépio.

A pesquisa e a recolha de usos e costumes efetuada em cancionários e noutras fontes trouxeram riqueza e rigor musical e etnográfico ao repertório do Coro Popular de Espinho e às figuras e momentos (re)criados pelo coletivo e protagonizados pelo Teatro Popular de Espinho.

Criatividade e ousadia levaram à rua tradições e melodias perdidas, lembrando o Maltês e o Surrão, a luta Inverno-Primavera, o Arauto, o Arlequim e o Mafarrico, acompanhados do burro e de carros de madeira decorados.

Não faltou a Queima do Madeiro no Rio Largo. Domingos de Oliveira escreveu um Auto da Natividade com a inesquecível Pastorada. Houve Julgamento do Galo e a sua espantosa e fantástica Queima, no Rio Largo, entre quadras e dichotes. Reinventou-se a Festa dos Rapazes do Nordeste Transmontano. Os Reis Magos montados no alto dos seus majestosos camelos apareceram num Auto da Estrela de Belém, criado pelo TPE com a participação do GETE (Grupo de Teatro Experimental de Espinho).

Encontro Concelhito de Janeireiros



1993 - Janeiras - Fotografia Jorge Santos



1994 - Cor de Abril



A Festa Final das Janeiras era o corolário do projeto de cada ano que, com renovadas vestes, decorava o Salão Nobre da Piscina.

Durante 17 anos, as Janeiras da Nascente resgataram esta tradição para Espinho e encheram as suas ruas daquela alegria simples e verdadeira com que se "conjurava o Velho Ano festejando o Novo".

Carolina Letra integra o coletivo do TPE com 17 anos e lá permanece mais de uma década. Considera que o Teatro Popular de Espinho foi um espaço de aprendizagem de conhecimentos e do trabalho coletivo que, resultando da contribuição individual de cada um, era superior em humanismo, solidariedade e compromisso.



30 ANOS DE TPE, MUITOS PEDAÇOS DE MIM

CARLOS LUÍS GAIO

Eu nunca quis fazer teatro, nem ser ator. Entrei para o TPE em 1992, para ir fazer de pastor numas janeiras. Fazer parte do TPE foi, sempre, um exercício criativo e estes 30 anos fazem parte de mim de uma forma muito própria. Foi aqui que desenvolvi o meu sentido de humor e que descobri o efeito positivo que tinha nas pessoas este exigente ofício de fazer sorrir e de transformar o quotidiano usando palavras (e as mãos e as sobranceiras, também). No fundo, gosto mesmo é de contar estórias às pessoas. Ao longo deste tempo foram várias as personagens humorísticas que eu criei de raiz para um punhado desses espetáculos, mas que me dizem tanto e dizem tanto de mim.

O fotógrafo francês: março de 1997, estreia do espetáculo em torno da obra de Sofia de Mello Breyner dividido em 4 partes. Numa mudança de cena, era preciso aparecer um fotógrafo a tirar uma fotografia de família. Nos ensaios nunca tínhamos preparado a cena e avançávamos sempre. Eu só sabia que tinha de chegar, montar a máquina, tirar a fotografia e ir à minha vida. Decidi que seria um fotógrafo francês, por isso entrei em cena com um sonoro "Bonjiúrrre!!" (à la Peter Sellers, sem o saber). Como era

preciso ganhar tempo, fiz várias tentativas de enquadramento para o retrato ideal e, no final, quando tive que a foto estava pronta, o que me saiu foi isto num sotaque enrolado: "En, daux, terruá!... Passárinhô!!!!". Ficou para sempre. Ainda hoje é estranho para mim o calor e carinho que senti sempre do público por causa desta cena.



2005 - Carlos Luis Gaio em Cocktail Azul

Foi aí que aprendi a ouvir o público, medir-lhe o pulso e a dosear as coisas de forma a dar-lhes a leveza necessária entre cenas mais sérias.

"O deus e o moinho": em 2000, por ocasião do novo milénio, o projeto juntava trechos de textos clássicos diversos. Era preciso ligar as cenas umas às outras. Lembrei-me de criar um personagem: uma visão muito própria do grande criador disto tudo, que estava cansado de não

conseguir experienciar tantas das coisas que tinha inventado (da velocidade aos papos de anjo) e vinha cá abaixo. De novo, era preciso ganhar tempo entre cenas e permitir a quem ia fazer de D. Quixote para vestir a armadura. Na estreia, eu estava nos bastidores e o Paiva vem ter comigo, 'Então, não entras em cena? Não ias fazer de moinho?', 'Eu não tenho nada preparado...!', 'Arranja-te e vai para o palco!'.

Pego num tubo oco de espuma cinzenta e entro em cena, já com o público em pulgas para perceber porque a peça não desandava. Eis que me escondo atrás do tubo, começo a rodá-lo em frente a mim, e digo, timidamente: 'Sou um moinho'. Como ninguém acreditava nisso e também não percebia, continuei a insistir, mas ia mudando a entoação ao perceber que o público começava a alinhar na brincadeira. E eis que um desenrasque de momento, se tornou uma cena própria.

"O marido da Cilinha": em 2004/2005, na preparação do 'Cocktail Azul', evocativo dos 30 anos do TPE, cenas recolhidas de vários espetáculos anteriores. Para dar continuidade ao espetáculo, surgiu-me a ideia de celebrar esta data para o grupo brincando com as pessoas que fizeram parte dele e viessem ver o espetáculo. Para isso, com a ajuda do Paiva, construí um personagem (Néné da Cilinha) que conhecia o grupo desde a fundação e os seus atores, de tempos de juventude, e que era casado com uma senhora que gostava de ir ver todas as peças do TPE, mas para ele era um suplício (aquelas metáforas, textos eruditos e complexos, pouco humor, etc), o que lhe dava bastante sono, e isso criava-lhe diversos problemas conjugais. A Cilinha, apesar de só viver no discurso em terceira pessoa, tornou-se um personagem maior que a vida. O resto é história...

Carlos Luís Gaio entra para o TPE em novembro de 1992 para ir fazer de pastor numas janeiras e foi ficando, com uma ou outra interrupção. Participou em cerca de 35 projetos do grupo.



VINTE ANOS DEPOIS, COR(O) DE ABRIL!

AMÉLIA LOPES

Vinte anos depois, Cor(o) de Abril! E lá estávamos nós! 1994! Que ressonâncias de mar, de barcos em festa! A azáfama, as cantigas, os poemas, as danças, sempre a mesma alegria! Mas, desta vez, com os filhos.

Do espetáculo Cor(o) de Abril lembro-me dos excelentes quadros (aquele comboio!), das excelentes músicas, desse reencontro de azevinho, mas também de irmos todos (a família) para os ensaios. Cor(o) de Abril foi um diálogo de gerações. Alguns anos depois dos filhos, voltei ao coro com eles – o pai estava em São Tomé e só voltaria para assistir ao resultado final. O Diogo via um bocadinho do ensaio e depois dormia na caminha que lhe preparava no auditório quando chegava. A Marta, com onze anos, já entrava no espetáculo. O encanto era grande, a descoberta era imensa – as histórias que os pais, e tantos outros conhecidos, tinham vivido 20 anos antes e que esparsamente nos ouvia a todos contar, apareciam agora num enredo, em forma de e-moção, de in-formação e de en-canto. Com texto, imagens e pessoas dentro.

Lembro também, de forma especial, a poesia, o estudo dos poetas que se dizem, do que eles querem dizer e do que eu quero dizer com eles quando os digo: "Sei que não vou por aí!". Depois da festa, o coro voltava para trás e eu caminhava para a frente. O JP passava-me o cravo com que eu iria dizer esse poema primeiro (como o do primeiro dia), insurreto e reto, de José Régio. Ainda hoje, sempre que possível, trocamos este cravo em abril!

Abril há de sempre ser isto. Nós todos unidos pelo sonho de "um dia limpo e um tempo justo", pela criação pensada, pela organização exaustiva, pela admiração, pela imensa amizade, pela cultura e pela arte. Pela Cor de Abril.

"Cheguei ao Coro Popular de Espinho no mês de julho de 1977 pela mão do Rafael, que antes lá chegara pela mão do Fífas (José Fidalgo). Depois, foi, tem sido, uma esplêndida viagem. Obrigada amigas e amigos de sempre e para sempre!"



CONTEXTO PASSADO E FUTURO

SARA FRANCISCO

Juntei-me ao Teatro Popular de Espinho na última década. É interessante e curioso entrosar-me num grupo que, ainda que popular, tenha pouco de vulgar, imenso de democrático. Tanto que me recordo com incómodo dos momentos em que muitas opiniões fortes e vincadas eram minuciosamente ouvidas, raramente rebatidas, ao ponto da dúvida da decisão comum não nos levar a porto nenhum. Ou pelo menos “nenhum” à velocidade com que vejo o tempo passar, e de não me fazer sentido o tempo consumido na dúvida da direção do próximo espetáculo, se Brecht, Gil Vicente ou uma compilação contemporânea de textos de imprensa.

Cresci duas décadas à frente deste grupo, com a liberdade de expressão como premissa, liberdade essa pela qual o TPE interveio por necessidade, como manifestação de uma capacidade nova exercida coletivamente, como um privilégio. O respeito pela liberdade de expressão e esse travo a revolução ainda se sente aqui e acolá nos trabalhos de hoje, muito em toda a sua história escrita em jornais, cartazes, críticas e restos de textos; onipresente na tomada de decisão que incomoda alguém da geração do imediato. O

2019 - A Boda dos pequenos burgueses, Bertolt Brecht



Teatro Popular de Espinho, nos seus 50 anos, tem como desafio esta (a minha e seguintes) geração e como inimigo uma sociedade individualista (capitalista, talvez).

O TPE começou por ser itinerante, levava a expressão artística como manifestação cultural na busca de uma conexão direta com as massas, levando a arte para além das elites e das classes economicamente mais privilegiadas. Esta essência, a do teatro popular, está na sua acessibilidade, no seu caráter coletivo e na sua capacidade de abordar questões sociais de forma crítica. Os tempos fizeram com que a sua ação se centralizasse em Espinho, tempos esses que se arrastaram até hoje. Esse sedentarismo vem precisamente das dificuldades inerentes à itinerância, tanto por parte dos atores como da produção e da execução de todas as tecnicidades em ambientes diferentes e da sua sustentabilidade financeira. Não há espetáculo sem público e o trabalho de dar a conhecer um espetáculo novo, sem nunca ter sido visto, é um desafio. A fidelidade do público ao TPE, no Auditório Nascente, é uma mais valia e uma segurança que têm garantido a sua sustentabilidade e o seu propósito de entreter, sem a promiscuidade de comprometer a sua identidade estética e intelectual.

Num dos espetáculos de comemoração de meio-século do Teatro, um jornalista, mais jovem

do que eu, interessado em manifestações culturais e com curiosidade por um grupo com um portfólio tão extenso e rico, questionou a distribuição etária do público e dos atores. É a maior incógnita e dificuldade para o meio-século que se segue: será o grupo permeável e mutável o suficiente para atrair pessoas - público, atores, encenadores, técnicos - que o mantenham?

A chave estará na sua ação conjunta com outros grupos, com outras plataformas, nomeadamente em ser parte integrante da Cooperativa Nascente que vai colmatando os desafios financeiros, mantendo espaços para as atividades do grupo, garantindo a sua sustentabilidade, disponibilizando meios para envolvimento da comunidade e para a promoção dos seus espetáculos e iniciativas. Além disso, há um lugar comum ao longo destes 50 anos: todos são atores, alguns também são técnicos, produtores, cenógrafos, bilheteiros; e o ser humano, independentemente da geração de que falamos, aprecia a sua auto-descoberta e participação ativa.

No ano em que celebramos estes 50 anos, o TPE levou a palco dois espetáculos dos Contarilhos com atores que não integraram outros elencos recentes, dois espetáculos com o Coro que em tempos fora o Coro Popular de Espinho, e comemorou 1973 num espetáculo ao estilo de 2023 com músicos-atores da Academia de Música de Espinho. Entre todas as incertezas, com certeza que estaremos na direção certa.

Sara Francisco integrou o TPE em 2014. É engenheira de formação, generalista por vocação, atriz, técnica de som, produtora ou bilheteira à medida das necessidades.



1996 - Almada, etc & Tudo. Almada Negreiros

ATÉ PARECE QUE FOI ONTEM

NUNO LACERDA

50 Anos, "até parece que foi ontem...". Poderia começar assim este texto e falar sobre o passado. Poderia aqui lembrar a sessão em que o grupo de Teatro Popular se recusou a tirar a expressão 'Popular' em assembleia geral e, dessa forma, ter sido convidado a sair da agora extinta secção Cultural da Associação Académica de Espinho, rumando para a Cooperativa Nascente. E aí, ao longo dos 50 anos, reconstruiu-se, cresceu e desenvolveu um projeto cultural teimosamente artístico, persistentemente local, mas sobretudo intensamente relacional: o Teatro Popular de Espinho da Cooperativa de Ação Cultural Nascente foi a única voz teatral de Espinho, como projeto consistente do qual a cidade e os espinhenses se podem verdadeiramente orgulhar... mesmo que não gostem, ou temam, o Teatro.

É com um profundo sentido de reconhecimento e de agradecimento, pessoal e público, que quero iniciar este pequeno texto de celebração dos 50 anos de existência do Teatro Popular de Espinho, lembrando todos os que escreveram, pensaram, atuaram, iluminaram, criaram adereços, cenários, costuraram roupas, desenharam figurinos, subiram escadas para colocar holofotes, ajustaram pernas, corrigiram detalhes, reconstruíram estruturas, simularam atmosferas, sem condições, sem um teatro, sem espaços, improvisaram soluções, refizeram palcos... e também os atores, todos amadores, que decoraram textos, leram livros, experimentaram soluções, participaram em inúmeros ensaios, afastaram-se de suas vidas e horas familiares, aprenderam música, cantaram, atuaram em ruas, praças livres, casas, becos escondidos, armazéns e em teatros, oficinas, cheios de gente, enfrentando o frio com corações aquecidos, com medo de esquecerem as suas falas, receosos de tropeçar, lidando com imprevistos, com cadeiras que se quebram e adereços que desaparecem, com o receio do público não compreender, de não aparecer, do vazio na plateia, de estreias que não corram bem, da voz que possa falhar, da crítica ser dura, ou a peça não ser estrondosa...

Recordo também todos aqueles que abriram as cortinas, que bateram as pancadas de Molière, que enfrentaram risos e choros, aplausos da plateia e assobios dos bastidores, que suaram sob as luzes dos

2002 - A casa de Bernarda Alba



2009 - O sorriso do gato - Fotografia Edgar Tavares



refletores, que entregaram a sua alma em cada representação, fazendo brilhar os olhos de um público emocionado, compartilhando emoções em palco, plateias e camarins, com abraços calorosos, sorrisos pardos em momentos de nervosismo, com lágrimas de alegria ao sentir o sucesso de uma atuação, com devoção permanente e o incessante bater do coração. E não esquecendo ainda o papel dos diretores que lideraram com paixão, dos produtores que tornaram possível montagens impossíveis, dos técnicos de som e imagem que deram vida aos cenários, dos dramaturgos que criaram os enredos, dos encenadores que deram vida à narrativa, dos críticos que desafiaram a crescer, dos patrocinadores que acreditaram nos projetos, dos espectadores que motivaram a continuidade, a todos os que no TPE, ao longo de 50 anos, se tornaram família, com momentos de partilha e alegria, gargalhadas cúmplices nos ensaios e lágrimas derramadas em momentos intensos que todos conhecemos...

Sim, é de pessoas que o teatro é feito, de pessoas e para pessoas, fala de nós através de nós, espelha-nos, constrói-nos e silencia-

nos, sufoca-nos por vezes, faz-nos pensar e, também por isso, importa não esquecer todos os que tornaram o Teatro Popular de Espinho um espaço de reflexão, de pensamento, de encontro e de arte; por transformarem palavras, textos em acontecimentos, e por eternizarem emoções e sentimentos em cada representação; juntos, com 50 anos de histórias e memórias, o Teatro Popular de Espinho fez História: no Teatro, na cidade, entre nós que ainda aqui vivemos, sem nunca desistirmos de Espinho nem dos espinhenses, do Teatro, da Arte e da Cultura...

Acreditando ser possível fazer de nós, espinhenses, pessoas maiores, e que merecemos vidas e cabeças melhores... A todos os amigos que aqui fiz, onde aprendi o gosto pelo Teatro, pela Arquitectura, pela Arte, pela representação, pela cenografia a que mais tarde me dediquei trabalhando em diversos teatros e palcos nacionais, deixo agora este texto que só pode ser de reconhecimento, de agradecimento expressando o meu mais puro e genuíno: obrigado.

Até parece que foi ontem.



AMIGOS

IDALINA SOUSA

O Teatro Popular de Espinho sempre foi um lugar de amigos. Alguns deles, os dinossauros, desde 1977, a quem se vêm juntando muitos e muitos outros, sempre especiais, sempre amadores do teatro.

Em 50 anos são incontáveis as histórias em que participamos juntos, muitas das quais fora de cena. Na viragem do milénio quisemos estar juntos a ver o nascer do sol na Serra da Freita. Para ampliar a dimensão ritual desta celebração e porque o frio era muito, alguém se lembrou de fazer um chá numa panela de 3 pernas. Acendemos uma fogueira e lá fizemos o chá que, juro-vos, foi a coisa mais intragável que alguma vez bebi em toda a minha vida. Eu, resolvi fazer uns versos, para, com a devida coreografia, os gritarmos aos quatro ventos, mal o sol começasse a nascer.

Porque mostram bem a amizade alegre e cúmplice que até hoje nos une e porque ainda me parecem atuais, aqui os solto de novo:

Viva o sol que traz o dia

Aos filhos da madrugada
e da serena claridade
Que de trigo e rosmaninho
Enche o campo e a cidade

Pelo sol, pela verdade
Viramos o cu às trevas!

Viva o sol que traz o dia

Aos poetas de olhos claros
Dá sopros de maresia
Aos amantes sem dinheiro
Adormece a cotovia

Pelo sol, pela poesia
Viramos o cu às trevas!

Viva o sol que traz o dia

Pelas asas pra voar
Pelo aconchego do pão
Pelas cabeças no ar
Pelos pés que estão no chão

Pelo sol de mão em mão
Viramos o cu às trevas!

Viva o sol que traz o dia

Cheguem aqui os pardais
Sai do ninho rouxinol
Venha a foca e o golfinho
Mais o lince e o caracol

Venham todos e mais cinco
Pra dizer bom dia ao sol!

Idalina Sousa



2009 – O Sorriso do Gato



2023 – As Amarguras do Mel, Domingos Oliveira

"1973": ESPINHO RECUOU NO TEMPO E ENCONTROU-SE NUM PALCO DE MEMÓRIAS

RAFAEL OLIVEIRA

"1973": Espinho recuou no tempo e encontrou-se num palco de memórias

Há 50 anos Espinho foi elevado ao estatuto de cidade. Volvido esse meio século, a celebração da efeméride marcou o ano de 2023 e, na semana passada, Espinho recuou até "1973": a nova coprodução entre o Auditório de Espinho | Academia, Teatro Popular de Espinho e a Escola Profissional de Música de Espinho.

A peça de teatro intergeracional, que se realizou nos dias 7, 8 e 9 de dezembro, funde em palco a representação, a música, a coreografia e a projeção de imagens. É uma reunião num sítio comum, entre jovens e graúdos, que culmina num espetáculo reflexivo. Trata-se, pois, de um retrato feito por espinhenses sobre Espinho e, ainda que não pretenda ser uma representação fiel desses tempos, as vivências, os costumes, os êxitos musicais e a rotina dos cafés e das esplanadas estão lá. O palco revela, assim, a história de uma cidade, onde as memórias se entrelaçam com a intemporalidade e edificam a memória coletiva.

Poder-se-á pensar que muitas das coisas que se passaram em 1973, estão hoje ultrapassadas. As vestimentas são outras, as músicas mais badaladas também e a forma de falar, mas, sobretudo, de nos expressarmos, ganhou uma nova configuração. Contudo, nem tudo está assim tão diferente: há ainda quem anseie por um novo estádio, quem se deleite com as melodias que atravessam o tempo e, embora as ruas da cidade tenham hoje novas configurações, o simples passeio continua a fazer parte do (nosso) quotidiano.

É nessa teia de lembranças e renovações que algumas cenas arrancam risos ao público, unindo-os nesta viagem em que o passado e o presente dançam em harmonia. Parece ser importante que assim o seja, até





porque a maior parte dos intervenientes no espetáculo não viveram a época. É nesse plano que vale a pena realçar as referências ao regime ditatorial vigente e do machismo enraizado na época. Através de monólogos e representações de situações caricatas, emerge a emancipação feminina, os encontros após as sessões filmicas nos cinemas, as reuniões de grupo, o convívio em cafés, esplanadas, e até o subterfúgio do passar mensagens. São representações destemidas, corajosas, detalhadas e que parecem ser fiéis ao ano em questão.

Porém, parece igualmente imperativo abordar, de forma crua e realista, o que havia de "menos positivo". A espetacularização e a coloração vibrante da região (ainda Espinho pudesse ser um escape à tristeza do país), faz surgir no espetáculo a necessidade de cenas mais realistas, menos idílicas ou "engraçadas". O contexto sombrio e histórico das marcas da Guerra Colonial, as dificuldades da comunidade piscatória e a repressão social, mereceriam um destaque mais pronunciado. Quer-se com isto dizer que, embora Espinho e os seus locais mais icónicos da época terem servido, possivelmente, como um alívio a um cenário cinzento e tristonho, seria importante reconhecer as marcas que esses tempos deixaram, contrastando com a visão (às vezes) idílica proposta. E se é verdade que o espetáculo não ambiciona ser uma reconstituição exata de 1973, então a discussão fica aberta sobre o manancial de opções que a narrativa poderia tomar: o que Espinho foi, o que é, o que poderia ser ou o que será.

Não obstante, a fusão do coletivo de teatro amador - que, como bem sabemos, também celebra os seus 50 anos - com os jovens da Academia de Música de Espinho é o que torna o espetáculo tão ímpar. A dançar, a passar bilhetes ou a reunir secretamente, são lançadas as primeiras pistas para a Revolução que se avizinha. Mais do que uma reunião de atores e músicos em palco, "1973" é uma lição interativa de qualidade entre protagonistas e a audiência. E se há dúvidas quanto a isso, bastava observar a atenção, o sorriso, as gargalhadas e, por fim, os aplausos que se instalaram no Auditório da Academia de Música ao longo de três dias consecutivos.

No final de contas, Espinho olhou para si mesmo, e gostou.

NOTA DE AGRADECIMENTO

A encerrar o quinto número do “Mais Maré”, gostaríamos de endereçar os sinceros agradecimentos ao arquiteto Nuno Lacerda Lopes pela conceção da ilustração desta capa que, esperançosamente, em muito irá contribuir para o sucesso desejado desta edição do suplemento.

Nuno Lacerda Lopes é arquiteto... multidisciplinar; cruza a arquitetura com as pessoas, a construção com a investigação, a habitação com a inovação, a arte com a matéria, a cidade com o território, a saúde com a qualidade dos espaços, os materiais com as sensações, a cor com a vida, a criatividade com a escrita e o pensamento com o desenho, pintura, escultura, mobiliário, design e cenografia. Portanto, Investigar, Ensinar, Inovar, Criar, Projetar, Construir, Escrever, Publicar, Participar e Ajudar... e prestar atenção ao ambiente que nos sustenta.

É também Professor... Professor Associado com agregação, Doutor em Arquitetura pela Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto (FAUP), onde leciona desde 1989 e Investigador do Centro de Inovação em Arquitetura e Modos de Habitar que coordena. Na FAUP e noutras instituições, orienta trabalhos de investigação em áreas de fronteira, desde a inovação digital, às novas formas de viver e projetar, à construção e tecnologia de construção.

A sua extensa obra, construída e projetada, desenhada e escrita, é divulgada em diversos países, plataformas, meios de comunicação e publicações especializadas. Autor de diversas obras premiadas nacional e internacionalmente, entre as quais destaca o Centro Multimeios de Espinho, o Fórum de Arte e Cultura de Espinho, o Auditório Carlos Alberto, no Porto, o Centro Escolar de Mouriz. Na arte teatral, colabora regularmente na criação de cenografia para o Teatro Nacional de São João, Teatro Nacional D. Maria II e Teatro Nacional de São Carlos, de onde destaca a cenografia para “Sombras” de Ricardo Pais, “Grande Teatro do Mundo” de Nuno Carinhas e “Mistérios” de Luís de Matos.

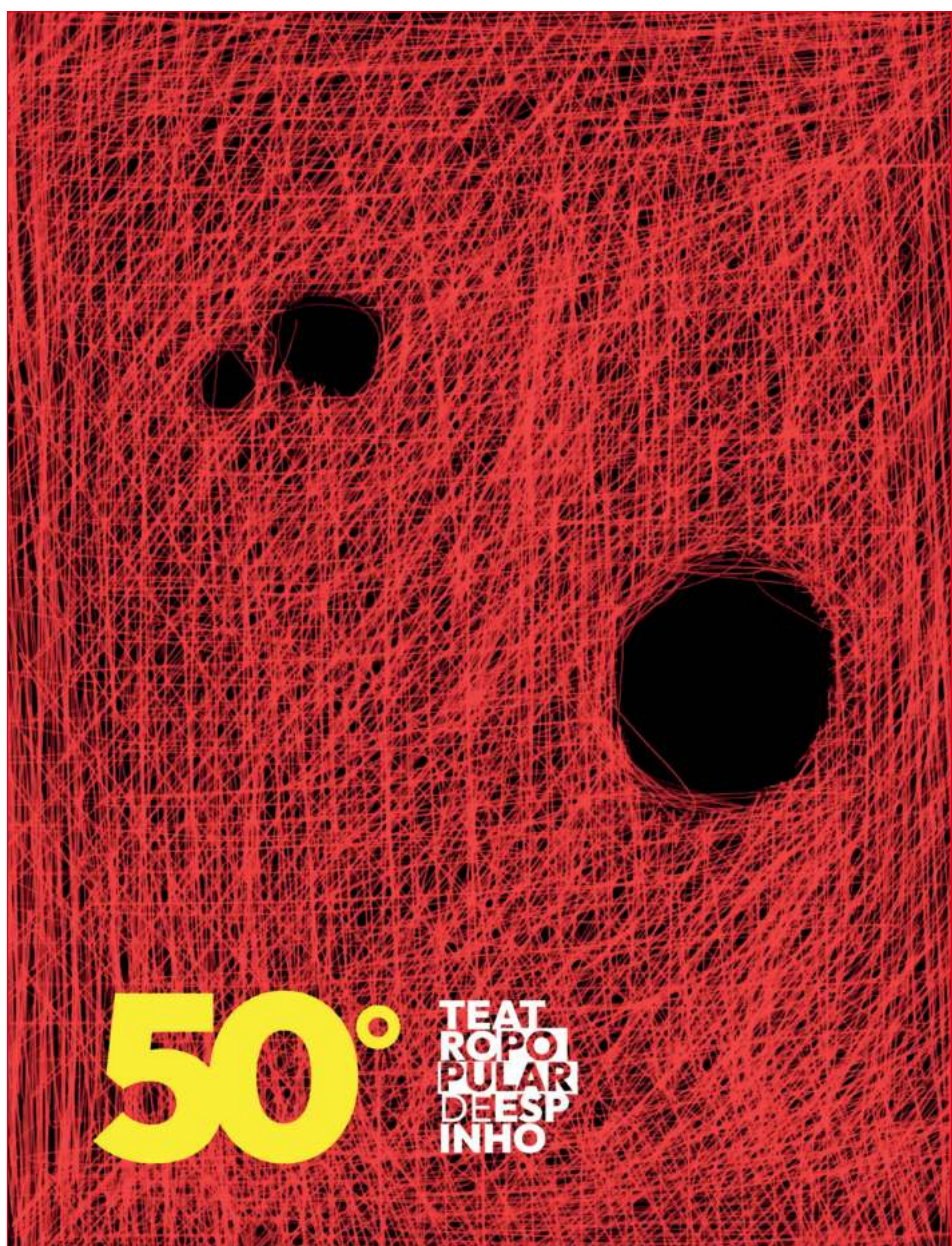


Nuno Lacerda

Ficha técnica
Diretor: Henrique Neves
Editor: Joel de Oliveira

Jornalista: Rafael Oliveira
Paginação: Beatriz Silva

Projeto Gráfico: António Coxito
Ilustração: Nuno Lacerda



AUDITÓRIO DE ESPINHO - ACADEMIA

APRESENTA

1973 ESPINHO

50 ANOS CIDADE

Teatro Popular de Espinho
Escola Profissional de Música de Espinho

7/8/9 DEZEMBRO | 21:30



COPRODUÇÃO



AUDITÓRIO
DE ESPINHO
ACADEMIA



ACADEMIA
DE MÚSICA
DE ESPINHO



ESCOLA
PROFISSIONAL
DE MÚSICA
DE ESPINHO



T.P.E.
TEATRO
POPULAR
DE ESPINHO



Nascente

Bilhetes à venda no Auditório de Espinho

